

13-10-2020

O GRITO DO PARALELEPÍPEDO

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um giro. A caminhada. Um encontro...

Um susto... A metrópole!

No começo da década de 1990, eu lecionava a disciplina Geografia Urbana, no IQG [Instituto de Química e Geociências/ UFG]. Logo no começo das aulas, depois de apresentar as categorias de leitura da cidade, convidava os alunos para, juntos, vermos a cidade. Fariamos, dizia aos alunos, uma devassa urbana. Ver a cidade - dizia com sonora robustez - é uma forma de compreender a vida espacialmente constituída. Bora!

Com roteiro, pressupostos, anzóis, conceitos e cordões em mãos, em horário marcado, fazíamos um círculo frente ao Teatro Goiânia, na esquina da Avenida Anhanguera com a Tocantins.

De lá avançávamos na Anhanguera, em trote lento, até a Araguaia. A rota da caminhada era curta, mas as cenas eram densas. Vidro fumê escaldado pela poeira; cuspe petrificado nos meandros das calçadas; copos de plástico esartejados pelo vento e por sapatos apressados; chaminés sutis denunciadas por fios de fumaça curvando entre prédios; pequenos canteiros de flores atingidos por sacolinhas de plásticos, restos de comidas, vômitos amanhecidos; estacionamentos reduzidos e calçadas privatizadas: *“se estacionar aqui o seu veículo está sujeito a ser guinchado”*. A saia da moça tocada pelo vento incauto; o tônus muscular do rapaz exposto na camiseta de manga cavada...

Uma velhinha assustada. O suor espesso no rebrilho do gari.

O *rush* urbano; o frenesi; o urro da cidade...

No roteiro da caminhada didática constavam insígnias para ver a cidade. Deveríamos, no exercício de percepção urbana, conectar os objetos às suas funções; as funções aos fluxos; os fluxos ao ritmo; o ritmo aos sujeitos. Era olhar ao lado para constatar a presença de farmácias, lojas de roupas, banquinhas de trabalhadores informais, vendedores de frutas, de rifas, de calcinhas - três por cinco -; entregadores de propaganda de Mãe Sinhá, ela que cura câncer, mau-olhado, ruizeira, tonteiras; e também vendedores de arnicas, xarope do mato, afrodisíacos do Cerrado. A mocinha simpática, três brigadeiros por cinco... uma delícia! - dizia ela com olhos marejados de simpatia -.

Era comum, nas rotas, pararmos para conversar com o senhor aposentado cuja camisa estampava: “compro ouro”. Aliás, de olho na morfologia urbana corriamos as vistas às pessoas, transeuntes, trabalhadores, gente engravatada com a pressa de um jato perdido; estudantes em grupos; meninos que cheiravam cola, pedintes, entregadores de comida, religiosos, pessoas comuns em direção ao cartório... Os rostos chegavam suados, graves, traquinas, carcomidos do sol, pele porejante, bundas incautas, decotes abusados, longa fila de aposentados no banco;

olhares afobados, garis severos com humildade na pá; vendedores com simpatia de cinema; uma velhinha com a cor dos anos nos cabelos; uma prostituta incólume, os jogadores de baralho com cigarro bom na boca.

Rostos vacilantes, estratégicos e oblíquos; passos suspensos e avolumados; semblantes de Hitchcock...

Daniela Mercury... Neste calor você merece uma antártica!

O azougue urbano como produto do ritmo frenético da cidade fazia o paralelepípedo gritar, escutávamos.

Era assim que íamos compondo coletivamente a forma de olhar a cidade. Víamos-na também pelos ouvidos, pela sirene de ambulâncias, de veículos da polícia e dos ruídos do “busão” da Anhanguera lotado de trabalhadores.

Era fácil compreender: a paisagem urbana se manifesta sonoramente. O barulho do centro popular era o canto fadigado da metrópole, voz rouca e desembalada.

Canto desafinado, desafiador, descomunal.

Mas ela, a metrópole, timbrada por uma profunda diversidade espacial, tinha também seus cantos de silêncio, de cerceamento de voz, de delírio.

Ruidosa, polifônica, polissêmica, louca, ordenada e também caótica, impregnada de uma poesia faiscante e embevecida de fluxos, a fortuna de imagens urbanas destinava o conteúdo da alma urbana.

Acasos, desesperos, procuras, fome de sexo, raiva charme, luta diária recaíam no pastel do café central.

Parávamos ali. Contava brevemente a história do “negócio”, buchichava aos alunos o que havia lido na reportagem da Folha de São Paulo: no café central se aluga matadores de padres, de agentes dos movimentos sociais, de vereadores do interior. Vendedores de bois, promotores de prostituição de luxo e matadores se juntavam em pequenas mesas rodeadas de chapéu panamá. Geladíssima, a cerveja.

Quando chegávamos no final da rota, descíamos da Anhanguera à rua 4, encontrávamos um lugar e botávamos o círculo para funcionar novamente.

Uma aluna certa vez disse: *“a cidade entrou em mim”*.

A outra retrucou: *“a cidade está até nos cabelos”*.

Um aluno militante interrogou: *“como pensar a rua a partir do trabalho alienado?”*. Um artista de teatro desferiu: *“a metrópole é a loucura espacial”*.

A síntese foi um ato de devoção: ver a cidade é uma forma de se ver por dentro. Ela está nas veias. Pulsação.

A minha síntese professoral veio programada: a alma humana tem correspondência com a alma urbana.

Antes de cada um pegar o seu rumo, ouviu-se um vendedor gritando no megafone, um tiro solto, um grito de horror...

Peguei o carro para o retorno à universidade, tecliei o botão do “toca fita” para ouvir QUE PAÍS É ESTE, de Legião Urbana. Ouvia a música interpelado pelo verso de Gabriel Nascente: *“Mãe, dá um jeito nesse mundo!”*.

Um giro. A caminhada. Um encontro...

Um susto... A metrópole!

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.